

DIRETOR:
Conego José Curvelo Soares
GERENTE
Pe. Agnaldo Guimarães

A DEFESA

Orgão da Paróquia de Santo
Antônio de Propriá
DIOCESE DE ARACAJU

Redação e Oficinas - Praça Cel. João Fernandes de Brito.

ANO XVII — Segunda fase

Propriá — DOMINGO 26 de Novembro de 1950

N. 52

Defendendo o meu nome ultrajado pelas inverdades contidas na "Carta Aberta" que o chefe da U.D.N., em Propriá, me dirigiu.

Quando o Sr. José Onias publicou a sua carta aberta no jornal udenista da cidade, tomei a resolução de não desfazer as suas acusações, contentando-me apenas com uma nota de última hora publicada na «A Defesa». Achava que aqui em Propriá bastaria para defender o juízo que o povo saberá fazer dos homens e dos fatos, deste povo — udenista também — bom, católico e generoso.

Sendo porém a referida carta publicada em Aracaju, achei necessária esta defesa, pois o meu silêncio que seria o silêncio da verdade e da consciência tranquila, poderia ser também interpretado como fraqueza e culpa.

Dai a necessidade de comentar toda a carta aberta do Sr. José Onias.

«Lí, com tristeza, o telegrama que V. Revma. dirigiu a «A Tarde» da Bahia, em resposta a uma nota ali publicada pelo correspondente em nosso Estado, daquele jornal bahiano».

Em primeiro lugar vejamos a nota enviada pela sucursal da «A Tarde» em Aracaju:

«O PADRE DE PROPRIÁ AMA OS ENTREVEROS DA POLITICA»

O Padre José Soares, de Propriá, onde exerce o vigariato, tem feito do púlpito de sua matriz, tribuna de propaganda política, recomendando os seus amigos e agitando estes contra aqueles que lhe não são simpáticos. Tal atitude tem provocado séria reação moral da parte dos verdadeiros católicos de Propriá, cidades de nobres tradições cristãs, a qual, em pouco tempo, deu dois bispos, que são D. Cabral, arcebispo de Belo Horizonte e D. Juvêncio, bispo de Pesqueira, Pernambuco, ambos vivos, honrando a púrpura que envergam. O vigário de Propriá é a negação do verdadeiro sacerdote de Cristo, pois se interessa mais pela baixa politicagem do que pelas coisas do seu sagrado ministério».

Eis o telegrama que dirigiu a «A Tarde»:

«Propriá — 20 — Convicto que esse conceituado jornal não se presta a campanhas injustas e difamatórias contra a Igreja e seus padres, manifesto forte e veemente protesto contra injuriosa, falsa e perversa acusação feita a minha pessoa de sacerdote pela sucursal de Aracaju em nota publicada na «A Tarde» de dezessete último. Lastimando, embora, a perversidade dos autores da nota, ante tamanha facilidade de acusar sem conhecimento de causa, atribuo à U. D. N. local as informações completamente falsas. Segue por avião, a prática lida na matriz e publicada no jornal «A Defesa» e órgão udenista local. Desafio os acusadores a apresentarem as provas. Peço publicar este telegrama e a prática acima referida. Saudações Cordiais (a) Conego José Curvelo Soares, vigário e diretor de «A Defesa».

Protestando também contra a referida nota foi dirigido o seguinte telegrama:

«Propriá, 22 — 10 — 1950. RANULFO OLIVEIRA — Diretor A Tarde — Salvador — Ba. Associações e Ordens Religiosas Paróquia Propriá vêm levantar formal e veemente protesto contra infâmias veiculadas «A Tarde» do dia 17 pelo seu correspondente Sergipe visando pessoa querido Vigário Conego José Soares acusando-o atividades políticas partidária. Não podem os infra assinados silenciar em face essa campanha nefanda e o perfeito exemplo imparcialidade política 3 Outubro e tem dado as mais eloquentes demonstrações de apostolicidade traduzidas numa vida de trabalho cheia de realizações nobilitantes não só em prol da defesa dos supremos interesses espirituais e materiais da Paróquia que dirige, cujas beneméritos atividades por si só bastariam para consagrar a posteridade a vida de um homem consagrada ao serviço de Deus, como ainda em prol de realizações de grande alcance social e patriótico. Externando de público nossa integral solidariedade ao Pastor agravado pedimos direção esse brilhante vespertino denunciar autor, tão infamante quanto falsa informação que feriu o coração de um povo católico e evitar que no futuro colunas de «A Tarde» deem guarida a espíritos facciosos que agem com fitos criminosos e inconfessáveis. Sendo «A Tarde» um órgão independente conhecido batalhador incansável causas justas e nobres esperamos e muito agradecemos de publicidade este telegrama. Saudações fraternas (aa) Pelas Sociedades Vicentinas — Manuel Cesário Dória — João Barros — Vicente Aragão Filho.

Pelas Congregações Marianas — Monel Bomfim de Souza — Odilon Oliveira Rezende — João Costa.

Pelo Circulo Operário Católico: José Prata Passos — Presidente.

Pelas Irmãs Franciscanas Hospitalares: Ir. Maria Augusta de S. José — Superiora Ginásio N. S. das Graças.

Pela Pia União das filhas de Maria: Maria das Dóres Chaves — Diretora.

Pelo Apostolado Coração Jesus e Adoração Contínua: Semirames Pinto Veloso — Presidente e Maria Amélia Tavares — Diretora.

Pela Obras Vocações Sacerdotais: Serafina Campos Schoucair — Presidente.

Pela Ordem Terceira Franciscana: Rosa Mendonça da Silva — Ministra.

Pela Cruzada Eucarística Infantil: Aidil Aquino — Diretora.

Pela Pia União do Ginásio N. S. das Graças: Maria Amélia Mendonça — Presidente.

Continua a carta:
«No seu telegrama está bem claro que V. Revma. atribuiu a minha pessoa como chefe da U. D. N. local, a autoria da nota que considera infamante. Não estranhei a sua atitude, porque, de ha muito, tenho certeza de que o Sr. Vigário atribui à minha autoria tudo que de pior acontece nesta cidade, principalmente quando se trata de algo referente à sua ilustre pessoa».

É falso afirmar que eu atribuí ao chefe da U. D. N. local a autoria da nota; o que eu atribuí à U. D. N. local foram as informações falsas sobre a minha atuação na política. Às vezes o método confuso serve para se dizer alguma verdade, vou usá-lo agora. Se eu tivesse certeza que o Sr. José Onias não tem certeza (embora afirmo possuir) de que eu atribuo a ele «tudo que de pior acontece nesta cidade» faria da sua certeza uma certeza para mim de que ele é responsável por muita coisa que têm acontecido em Propriá. Acho porém que nós ambos estamos sem certeza neste ponto. Se eu lhe atribuisse tudo que de pior acontece nesta cidade ter-lhe-ia atribuído os tristes acontecimentos de Janeiro deste ano. Não, apenas atribuí à U. D. N. local as informações falsas contidas na nota publicada na «A Tarde», nota que não somente por mim foi considerada infamante».

Continua a carta:

Tenho recebido de quando em quando provocação de sua parte para uma luta pela imprensa. Vinha me furtando a essa luta porque estava confiante que o tempo e os fatos haveriam de convencer ao ilustre Vigário de que estava elaborando em erro. Mas, pelo conteúdo do seu telegrama, e pelas demonstrações de franca hostilidade já demonstradas, está claro que o Sr. Vigário deseja mesmo uma luta com a minha humilde pessoa, com o fito de diminuir o pequeno prestígio e o conceito de que disponho neste Município e no Estado».

Outro trecho da carta fará a minha defesa. Eis-lo.

«Dias antes das eleições de 3 de Outubro, o Sr. Vigário esteve em minha residência, e pediu-me para evitar um choque em 1 e 2 de Outubro, pois viajaria à Penedo e só regressaria depois das eleições».

Como é possível que um provocador de luta com intuídos de diminuir o prestígio eleito do adversário, vá à sua casa pedir para evitar um choque antes das eleições e fuja da luta justamente no momento mais propício? Realmente fui à sua casa, falei-lhe com toda sinceridade, conversámos mais de uma hora, e fiz o pedido que ele revelou e oito dias antes das eleições fui a Penedo. Gesto como este o Sr. José Onias não merecia, mas serviria para fechar e rasgar todas as cartas abertas.

Aparece na carta o nome do grande Arcebispo Primaz... Ah! se eu imitasse a fortaleza do grande Bispo, se eu seguisse o seu exemplo!...

Basta dizer que nem diante desta justiça que há por aí, o grande Arcebispo recua, lembro-me bem das primeiras palavras da pastoral em que ele se defende: — «as pratas fizeram pender os pratos da balança»

Aparece também o nome do Sr. Bispo Diocesano «a quem já fiz intriguinhas»... O que se dá é inteiramente o contrário. Quasi todos os políticos de todos os partidos são mestres das intrigas e acusações contra os Vigários que não se deixam levar pelos seus interesses subalternos.

Continua a carta aberta:

«Quando o Sr. Vigário retirou da tipografia do Sr. Jaime Laudário, os três rapazinhos que ele com tanto esmero e abnegação preparou para lhe auxiliar na sua luta pelo pão de cada dia, e que ele lhe entregou de Salvador, usando palavras pesadas e desatenciosas, eu, na qualidade de Prefeito Municipal, enderecei ao Sr. Vigário, um telegrama protestando contra as expressões desatenciosas contidas no referido despacho telegráfico e apresentando a minha solidariedade, muito embora fosse o Sr. Laudário pessoa de minhas relações e que comunga comigo do mesmo ideal político. E que fez o Sr. Vigário? Ao invés de dar publicidade ao meu telegrama, declarando ao povo que contava com a solidariedade e o apoio moral do chefe do executivo municipal, convocou os católicos, para um desagravo público, onde compareceu quasi a totalidade da população da cidade, inclusive um de minhas irmãs e a minha filha adotiva, e decl. ou d. público, na tribuna e depois nas colunas da «A Defesa», que, por detraz de Jaime Laudário, naquele telegrama, estava escondido alguém de maior importância, dando a entender a todos que se tratava de minha pessoa. O povo compreendeu a intenção do Vigário, e disso não fez reservas».

Não merece resposta o caso dos três rapazinhos que vieram trabalhar espontaneamente na «A Defesa», são questões de donas de casa que não possuem aprimorada educação.

Recebi um telegrama do Sr. José Onias na qualidade de Prefeito Municipal, é verdade; mas não dei publicidade ao mesmo porque foi enviado oito dias depois do telegrama injurioso, quando o autor já havia regressado da Bahia e a cidade se preparava para uma grandiosa manifestação de desagravo.

Se o telegrama não teve para mim a valor que deveria ter, a sua publicidade, no momento em que mais de mil pessoas desagravavam o Vigário, só interessava ao Sr. José Onias. E eu repito o que já afirmei em uma nota na «A Defesa», «prefiro ser acusado a passar por bôbo».

«Estava escondido alguém»... Seguem a nota publicada nas colunas da «A Defesa» e a resposta que dei à «Epistola» que o Sr. José Onias me dirigiu pelas colunas do «Correio de Propriá».

Eis a nota:
ULTIMA HORA

São 15 horas e já se encontra na máquina a última página desta edição. Começa a circular na cidade um avulso do Sr. Jaime Laudário, dando uma explicação infantil ao telegrama injurioso que me dirigiu.

Quero cientificar ao povo de Propriá que o intuito do Sr. Laudário, que não está sozinho. O fim da campanha iniciada contra a minha pessoa é me desanimar na obra que estou realizando em Propriá, afim de conseguir o meu afastamento. Realmente, vim para a Propriá expondo-me. O Sr. Bispo Diocesano não ordenou e ficou certo de aceitar a minha renúncia quando lhe pedisse. Diante disto e estando eu ainda ligado à Aracaju onde sou Catedrático, é fácil, razoável o meu afastamento voluntário de Propriá.

Mas pode o Sr. Laudário, «et reliqua», desistir do seu intento pois eu não me afastarei de Propriá antes de 1953, se Deus assim o permitir.

Continuarei em Propriá porque quero lhe prestar os meus serviços e o povo católico de Propriá estará com o seu vigário.

(a) Pe. JOSE SOARES.

(Continua na 2ª. Página)

Leiam «A Defesa»

Juvêncio Brito, que às 20 horas pronunciará o seu discurso de parainfo.

Às 9 horas haverá na Matriz missa solene cantada, sendo o sermão feito pelo jovem e talentoso orador sacro Pe. Luciano Duarte.

Estará presente também às solenidades o Revmo. Pe. José Dias, vigário de Estância.

«A Defesa» apresenta aos ilustres visitantes respeitadas saudações e formulando os melhores votos de felicidade para as jovens professorandas de hoje, apresenta parabéns à Revma. Superiora e Irmãs do Ginásio N. S. das Graças.

Festa de Formatura das Graças, será realizada hoje com solenidades extraordinárias.

A festa de formatura das professorandas do Colégio N. S. Senhor Bispo de Garanhuns, D. S. das Graças.

Defendendo o meu nome ultrajado pelas inverdades contidas na "Carta Aberta" que o chefe da U.D.N., em Propriá, me dirigiu.

(Continuação da 1a. Página)

Eis a carta fechada respondendo a «Epistola» em que o Sr. José Onias me pediu para dizer publicamente se era ele a pessoa que estava com o Sr. Laudário:

«Ilmo. e Prezado Paroquiano e Amigo José Onias:
Pax Christi.

Ouvi. do saudoso e venerando D. José Tomaz uma frase que êle sempre pôz em prática: «Toda carta tem resposta». E quando se trata de uma carta atenciosa e endereçada por uma pessoa com quem se mantém relações amistosas, mais fácil será a resposta. Em primeiro lugar agradeço, em nome do povo de Propriá e do glorioso Santo Antônio todos os favores feitos à paróquia por V. S. como Prefeito, e pessoalmente assinando no «Plano Trienal» Cr.\$9.000,00.

Agradeço as referências elogiosas feitas à minha pessoa no discurso de saudação que V. S. fez ao Sr. Bispo Diocesano, atendendo ao meu convite. E faço este agradecimento esperando que V. S. como Prefeito ha de me ajudar mais ainda na grande obra que estou realizando para grandeza de Propriá.

Peço desculpas ao ilustre amigo e prezado paroquiano não ter atendido ao seu pedido quanto à publicação do artigo que tornou público a ofensa que me foi feita pelo diretor do «Correio de Propriá». Não atendi porque era necessário que o povo tivesse conhecimento para dar o seu pronunciamento. Não atendi para que, com a minha atitude e com o pronunciamento do povo, recusassem e se escondessem mais ainda os que têm interesses em combater o «Padre».

Passo agora ao último trecho da atenciosa carta de V. S. que será para mim de fácil resposta porque tenho em meu auxílio a colaboração do amigo e paroquiano.

Quando recebi o telegrama do diretor do «Correio de Propriá» escrevi imediatamente o artigo que foi publicado e fui à casa de V. S. cientificar-lhe de tudo. V. S. ficou admirado do tal telegrama, leu, releu e logo me afirmou que aquela redação não era do signatário. Afirmou mesmo que ele não estava scizinho. De início contestei, V. S. reafirmou dizendo conhecer bem a redação do signatário do telegrama. Palestrámos um bom tempo e na minha saída V. S., pormenorizadamente, afirmou que havia colaboração naquela ofensa à minha pessoa. Quando, dias depois, circulou na cidade um avulso com nova campanha contra a minha pessoa, imediatamente, mui acertadamente corri às trincheiras do jornal da paróquia para, deixando de atacar o alvo conhecido, atacar o alvo desconhecido, mas existente.

Não é possível pois, declarar nomes dos que tomam ou tomaram parte na referida campanha, porque não sei quais são.

E caso V. S. tenha conhecimento certo de alguns nomes eu gostaria de saber, não para dar publicidade, mas irei procurá-los para com um entendimento pessoal, cristão e sacerdotal torná-los meus amigos leais.

Não sei portanto quais os que endossam ou se servem do «Correio de Propriá» para combater a minha pessoa, a obra que estou realizando.

Se não sei quais são nada posso afirmar. O que posso e devo dizer, ilustre paroquiano, é que V. S. na epistola a mim dirigida pelos colonas do «Correio de Propriá», demonstrou e afirmou publicamente as suas intenções de colaboração e boas relações com o vigário da paróquia. O que posso dizer é que V. S. publicando no «Correio de Propriá» o telegrama que me dirigiu reprovando a atitude injusta e ofensiva do diretor do mesmo jornal, dá uma demonstração pública de que não colaborou com o autor do mesmo telegrama. O que posso e devo dizer é que tenho por norma acreditar na palavra de todos os homens de responsabilidade. E assim creio piamente que V. S. não esteja com o diretor do «Correio de Propriá» nesta campanha contra a minha pessoa, e que espero esteja terminada.

Aproveitei a oportunidade para agradecer o telegrama de felicitações enviado no aniversário de minha posse nesta paróquia e, para apresentar os meus parabens pelas belas e utilíssimas realizações prestes a serem inauguradas — o relógio público e o chafariz D. Fernando Gomes.

Creia V. S. na sinceridade e reta intenção das minhas atitudes e fique certo de que os seus amigos e correligionários não de proclamar, hoje e amanhã, a minha superioridade no campo da política. Nos arraias das associações religiosas todas as correntes políticas estão prestigiadas por mim, vivendo cordialmente.

E assim será até o fim, é o meu desejo!

Ilustre paroquiano e oprozoso Prefeito da cidade: faça tudo para que o diretor do «Correio de Propriá» aja de outra maneira para que servindo ao partido de V. S. não crie situações difíceis.

Poderá V. S., se achar conveniente, publicar integralmente esta minha carta. E que Deus Nosso Senhor nos abençoe no desempenho da missão que pesa sobre os nossos ombros.

Do servo em Christo, Vigário e Amigo:

(a) Pe. JOSE' CURVELO SOARES»

Como se vê, foi o próprio Sr. José Onias quem afirmou que o Sr. Laudário não estava sozinho. E disto eu hoje estou certo, pois, o mesmo senhor é apenas o diretor do jornal que serve à U. D. N. Não é êle autor de todas as campanhas movidas no seu jornal contra o meu antecessor, contra a Religiosa Superiora do Hospital e contra mim.

Apezar dos pezares permaneci muito tempo imprimindo «A Defesa» no «Correio de Propriá» até que de lá me expulsaram em dezembro do ano passado, com a publicação de um artigo de fundo, onde eu era apontado como político e partidário. Vêm de longe as acusações contra a minha pessoa, feitas pelos que se

esconderam e ainda se escondem por detraz das caixas de tipo do «Correio de Propriá».

—Eis outra frase muito grave da carta aberta:

«Passaram-se os dias e o Sr. Vigário não me esqueceu nas suas maldades».

Deixemos que os dias se passem... e os maus por si mesmos se destroem... — Vejamos agora dois longos trechos da carta em que são narrados dois fatos, de tal maneira, que se fossem verdadeiros, seriam realmente comprometedores.

«Certo dia o Sr. Vigário escreveu pela «A Defesa», um artigo concitando os políticos a se portarem com elevação de linguagem nos comícios que se iam realizar nessa cidade e que não fizessemos retaliações pessoais».

Respondi pelas colonas do «Correio de Propriá» que estava de pleno acôrdo e que de minha parte, não surteria qualquer ataque aos meus adversários, e estou convencido de que cumpri á risca minha promessa.

Aconteceu, porém, que um elemento da coligação PSD PR, fez na praça pública, num dos seus maiores comícios aqui realizados, onde estavam presentes as figuras mais representativas dos seus partidos, uma forte acusação à minha pessoa e à minha administração. Ali estava presente o Sr. Vigário, como esteve em todos os demais comícios aqui realizados. — Eu que também estava presente, aproveitei a oportunidade para chamar a atenção do Sr. Vigário para as palavras injuriosas que me foram assacadas. No dia seguinte recebi um seu telegrama protestando contra aquele discurso. Apezar dos pezares, fiquei satisfeito e julguei que o Sr. Vigário tivesse mudado de atitude.

Amigos e correligionários meus, pediram para dar publicidade ao referido telegrama. Desconfiado de que tal publicidade viesse trazer más consequências, me opuz a fazê-la. Um dos meus amigos, o Dr. Jessé Trindade, candidato a Deputado Estadual, se propoz a ir à casa do Sr. Vigário pedir permissão para dar publicidade ao telegrama, ao que aquiesci. Voltou o meu amigo Dr. Jessé, dizendo que o Sr. Vigário lhe havia autorizado a fazermos do seu telegrama o uso que quizéssemos, mesmo porque, no seu dizer, se o seu telegrama não fosse publicado não teria finalidade.

O próprio Dr. Jessé foi à redação do «Correio de Propriá» e lá fez imprimir boletins, transcrevendo o telegrama em apreço.

Dias após, fui surpreendido com outro boletim, dos meus adversários, transcrevendo outo telegrama do mesmo Sr. Vigário, onde protestava contra a divulgação do primeiro telegrama e acrescentava que o Sr. Pedro Chaves, candidato da coligação P.S.D.-P.R. era «católico praticante», (mesmo sem frequentar a Igreja ao menos uma vez por ano) e lhe encomendando a Santo Antonio, nosso padroeiro. Fiquei de certo modo surpreso e muito contristado, não porque duvidasse da veracidade do telegrama, mas porque tive pena do ridículo que se expunha o nosso Vigário.

Maior surpresa eu tive quando fui informado de que o discurso que fora pronunciado em praça pública contra minha pessoa e que merecera o telegrama protesto do Sr. Vigário, tivera a sua colaboração; que o Sr. Vigário tinha fornecido dados para a sua confecção e que tinha cortado também algumas palavras, mais infamantes contidas no referido discurso.

Não acreditando por me parecer inverosímil, mandei que amigos meus procurassem o Sr. Vigário e lhe fizessem ciente daquela notícia tão desabonadora. Tive, depois, com grande tristeza a confirmação de que o próprio Sr. Vigário dissera a vários dos meus amigos que, de fato, tinha feito umas retificações no aludido discurso, suprimindo algumas palavras, mesmo porque, no seu entender, seria covardia não fazerem ataque à minha administração.»

ES A VERDADE: Os comícios da campanha eleitoral do penúltimo pleito em Propriá foram o que se pode realmente chamar de vergonhosos e deprimentes.

Sabedor de tão deplorável linha de conduta, fiz um apêlo aos partidos políticos, pedindo que fossem evitados ataques pessoais que viessem ofender a moral dos indivíduos e das famílias. A U. D. N. foi o primeiro partido que realizou comícios de propaganda. Assisti a todos, posso afirmar que não fez ataques pessoais, os seus ataques foram ao governo e à administração. Aproximou-se o dia do primeiro comício da Coligação. Elementos políticos, talvez levados mais pelo temor do que pelo acatamento ao meu apêlo publicado na «A Defesa», avisaram-me que um orador ia fazer alguns ataques à administração do Sr. José Onias. Mais uma vez reafirmei o propósito de reprovador todo ataque pessoal. Frizei que atacar ou criticar o administrador era natural e razoável. Na tarde do Domingo do comício o meu colega, sobrinho do chefe do P. S. D. local, pediu-me para ir ler o referido discurso para ver se havia alguma coisa de mais. Ouvi a leitura, e, logo no começo, reprovei uma crítica de ordem pessoal, forte e ferina, que foi realmente cortada.

Ouvi a leitura de todo o discurso, manifestando a minha reprovação aos outros ataques pessoais que ainda havia; e aos argumentos que me procuraram fazer, respondi, já me retirando, que a minha opinião era aquela: — tirassem os ataques pessoais e quanto às críticas feitas à administração não intervinha. Quando me retirava, já dentro do carro, o velho chefe político disse-me que ia ver se conseguia melhorar o discurso. Às vinte horas teve início o comício. Todos os oradores foram muito felizes, parecia mais uma festa cívica, onde houve até discursos primorosos quanto à forma.

O orador que ia fazer o discurso atacando o Sr. José Onias falou quase no fim, pois, durante o comício, no coreto, ainda se procurou, conforme fui informado, suavizar os ataques.

Ouvi o discurso, não gostei, foram conservados alguns ataques pessoais, estava desatendido o meu apêlo.

No dia seguinte dirigi ao Sr. José Onias o seguinte telegrama: «Lastimando ataques feitos sua pessoa por um orador do

O Cair da Tarde

(Conclusão da 1a. Pág.)

suaves, entre os galhos das árvores, anunciam o cair da tarde...

Os gados voltam aos seus currais, cansados de suas pastagens e labutas diárias, para descansar em nos capins secos espalhados pelo chão duro e húmido

As flôres dos jardins, dos campos e das florestas exalam os seus perfumes para envolver o instante divino do Angelus!

Os sinos das catedrais e das capélas ao bater as suas 9 badaladas profundamente expressivas nos chamam para a prece augusta da «Ave Maria».

Os nossos corações aflitos e cheios de piedade, pulsando compassadamente com bastante fé, se prostam reverentemente à Maria Santíssima, para implorar o perdão dos nossos pecados, um pouco de resignação para os sofrimentos, paz e tranquilidade.

Hora perfumada e celeste das 18 horas, onde o meu pensamento de envolto com a magnificência dos mistérios divinos, se purifica numa prece comvente embebida de fé e de amor à Virgem Mãe de Deus!

E' o instante santo, em que eu me aproximo de um módo mais conrito de Nossa Senhora da Conceição, patrona da minha Congregação Mariana (Congregaçao Mariana de São Luiz), e ajoelhado levanto os olhos para o céu para pedir as graças de que tanto necessito!

Nas estações radiofônicas brasileiras, são apresentadas nessa hora litúrgica — a crônica e musica da «Ave Maria» cada qual mais cheia de fé e de fervor! A crônica lida pelo locutor Julio Louzada, da Rádio Tamoio do Rio de Janeiro, é quasi sempre finalizada com esta bellissima oração de São Francisco de Assis, a qual exprime toda humildade e amor á Nosso Senhor Jesus Cristo:

«Senhor fazei-me instrumento

(de vossa paz.

Onde haja ódio, consenti que eu semeie amor; perdão, onde haja injúria; fé, onde haja dúvida; esperança onde haja desespero; luz, onde haja trevas, Alegria, onde haja angustia.

O, Mestre Divino! Permitti que eu não procure tanto ser consolado quanto cansolar; ser compreendido quanto compreender; ser amado, quanto amar. Porque é dando que recebemos, é pedoando que somos perdoados e é morendo que nascemos para a vida eterna».

NELSON TOURINHO

A participação nos lucros

O projeto que concede participação nos lucros das empresas aos trabalhadores passou sem restrições em todas as comissões, encontrando-se agora no Senado, cuja Comissão de Constituição e Justiça o estuda para emitir seu parecer.

A fim de que intercedam junto ao Senado, para que o projeto tenha a mais rápida e satisfatória solução, a Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio convocou seus filiados, orientando-os na ação a ser desenvolvida junto aos senadores para a conquista desse importantíssimo objetivo.

Espera-se que, dentro em breve, estejam os trabalhadores brasileiros no gozo de mais essa conquista, obtida também pacífica e legalmente.

(Cont. na 4a. Página)

Notas de uma excursão

Continuação Número Anterior

Afinal, Paulo Afonso (Forquilha). Eram 13 horas e 15 minutos; interessante coincidência; saímos de Propriá na mesma hora! Tudo aquilo que os meus olhos estavam vendo era simplesmente maravilhoso! Como podia uma cidade nascer e crescer assim tão rapidamente! Parecia que tudo aquilo tinha sido feito por um toque mágico de uma varinha de condão...

O estomago começava a reclamar qualquer coisa... Tratamos logo de almoçar. Foi escolhido o pitoresco local junto a Pequena Uzina, sob umas frondosas arvores. A mesa foi um gigante encerado. Foi um banquete. até água gelada apareceu! O maior problema nosso aí, como em toda parte era hotel. Antes de pensar nisso, fomos tratar logo de conseguir uma licença para visitar as obras da Hidro-Elétrica. O que vimos e observamos excedeu a nossa expectativa! Vão já muito adiantados os trabalhos de barragem, túneis e outras instalações, que num futuro muito próximo, quando aproveitado todo o potencial hidráulico da Cachoeira, beneficiará oitocentos mil quilômetros quadrados de terras nordestinas. É uma grandiosa obra, o que está se fazendo ali, graças a operosidade do governo do Presidente Dutra, a quem tanto o norte deve. Rendo, pois, aqui as minhas homenagens á esse grande brasileiro!

Depois de tudo percorrido fomos arranjar acomodações, o que conseguimos com dificuldade. Antonio Fernandes, Abel, Aloysio, Juaréz exceder os companheiros de viagem, e eu, fomos hospedes de João Nunes Filho e Amaral, que os dispensaram muitas atenções. No dia seguinte visitamos demoradamente a cidade. De tudo tem a cidade-menina o Brasil: residencias confortáveis, Hospital, Grupo Escolar, Banco, Correio, restaurant, mercado, um elegante e bonito cassino, campo de aviação enfim tudo de bom e até de milagroso para uma cidade que mal começa a nascer... O que me chamou a atenção foi a Igreja local, cujo padroeiro é São Francisco. É de estilo campestre, belo e original, embora já muito pequena para a população que cresce cada dia.

A tardinha deixamos Paulo-Afonso, rumo á Delmiro, onde pernoitamos. Na manhã seguinte visitamos a Cachoeira de Paulo Afonso. Não se pode descrever numa ligeira cronica, esta extasiante maravilha da natureza, que de "tanto gritar pelos engenheiros do Brasil", foi, afinal, ouvida!... De volta á Delmiro almoçamos e regressamos á nossa terra, já agora pelo território alagoano. A primeira cidade que encontramos foi a já famosa Mata-Grande — a Coréia — de Alagôas... Logo após e já a noiteinha alcançamos Santana de Ipanema e mais logo Paumotu dos Índios, onde pernoitamos. No dia seguinte, consagrado a Todos os Santos, fomos á missa, tomamos café e prosseguimos viagem. Ás 10 e 30, chegamos á Arapiraca. As cidades alagoanas mostram sinais evidentes de progresso. Daí, rumamos para Junqueiro, onde almoçamos e depois Penêdo. Atravessamos "para Passagem", passamos em Vila-Nova, Japoatã e prosseguimos para Japarutuba. Aí deixamos os caravaneiros daquela cidade. A volta para Propriá foi também muito animada, embora já reduzida a um pequeno numero de caravaneiros. Dr. Vidal, Raul Lôbo, João Lins, a dupla Flora-Elisa, Alvaro Oliveira, enchiam o ambiente de alegria... Ás 8 horas da noite chegamos á esta boa terra, depois de ter percorrido 1.159 quilômetros, sob a direção confiante e segura de Lourival, o «rei do volante»...

Foi uma excursão magnífica e guardamos de tudo que vimos e muito principalmente das obras da Hidro-Elétrica, excelente impressão. Ali está se construindo, sob iniciativa brasileira, capitais brasileiros e engenheiros e operários brasileiros, a grande obra de redenção do nordeste e quiçá desta grandiosa e rica Pátria que é o Brasil.

COSTA NETO

Propriá — 8 — 11 — 50

Eleições...

O «Sindicato dos Empregados no Comercio de Propriá», fez realizar no dia 9 do corrente, em sua sede, por determinação do Sr. Ministro do Trabalho Industria e Comercio, uma eleição para renovação de diretoria. Essa eleição teve a mesma característica do pleito de 3 de Outubro, com nomeação de presidente de mesa, secretários, voto secreto, e até a apuração feita sob a Presidencia do Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca. A ela, compareceu quasi a totalidade dos associados, sendo uma nota interessante, a presença de grande numero de elemento feminino do nosso comercio que, não só votaram, como se candidataram a postos elétivos, sendo eleitas por merecimento e justiça, três distintas senhorinhas.

sempre acontece nessas ocasiões cérias, o bom humor do brasileiro... alguém reclamou a força federal para garantir o pleito... outro falou até em Coréia, nome tão em foco e em moda... Disse acima, que este pleito teve a mesma característica do pleito de 3 de Outubro; mas isto quanto a votação e a apuração... No resto não. O pleito do Sindicato teve uma singularidade. Não houve nenhum comício, aonde os dois candidatos á presidencia, pudessem apresentar aos seus eleitores os seus programas de governo, ou outra qualquer propaganda mesma feita pelo rádio ou imprensa, como seria até natural... Não apareceu pelas nossas ruas nenhum carro de auto-falante cantando em prosa, verso e musica, as virtudes dos candidatos... Não vimos nas parêdes, faixas ou cartazes com as «bonitas fachadas» dos futuros eleitos... Não houve cabala, barganha e compra voto... Não houve ainda promessas de empregos e outras promessas tão proprias

O pleito, vale salientar, decorreu num ambiente de muita ordem e civismo. Não falou, como

Continua na 4a. Pág.

Boletim Informativo da «Associação Comercial de Propriá»

SESSÃO DE DIRETORIA: — Aos 8 dias do mês de Novembro de 1950, no salão nobre da Associação Comercial, reuniu-se mais uma vez, em sessão ordinária, toda a Diretoria, para tratar de assuntos de ordem geral.

NOTA DA SECRETARIA — Expediente — todos os dias úteis, das 15 ás 18 horas, na sede da Associação, á Praça Cel. João Fernandes de Brito.

ASSUNTO IMPORTANTE: —

O VALOR DO ESPÍRITO ASSOCIATIVO

As Associações Comerciais constituem os centros por excelência de união dos elementos do comércio e, como entidades classicas, lutam, constantemente, pelos interesses deste setor. Os proventos recolhidos através das contribuições dos associados são aplicados exclusivamente em prol de seus sócios e o prestígio que usufruem no Estado e no País é o reflexo do mesmo prestígio que lhe sonferem os seus membros.

Movimento da Tesouraria

Balancete do mês de Outubro de 1950

RECEITA

Saldo em Caixa do mês de Setembro p. p.	Cr.\$	15,60
Recebido de Joias		150,00
Recebido de Mensalidades Coletivas		200,00
Recebido de Mensalidades Individuais		1.320,00
		1.685,00

DESPESAS

Pago material expediente — servente e etc.	Cr.\$	725,00
Pago ao auxiliar da Secretaria ref. corrente mês		300,00
Pago comissão ao cobrador ref. corrente mês		167,00
Valôr dep. no Banco do Com. e ind. de Sergipe S. A.		400,00
		1.592,00
Saldo em Caixa para o mês de Novembro p. vindouro		93,60
		1.685,60

RESUMO

Saldo em Caixa	93,60
Deposito no Banco do Com. e Ind. de Sergipe S. A.	436,00
	529,60

Propriá, 9 de Novembro de 1950.

(A) A DIRETORIA

Armazem de Couros

CASA FUNDADA EM 1944

Gileno José de Oliveira

Especialista em couros para sapateiros, Tamancueiros e completo sortimento de arreios para montaria em geral, malas para viagem etc.

Filmes, materiais fotograficos, Maquinas Fotograficas e Secção de Foto amadores. Revendedor de STANDARD Oil, Co. Cf. Brasil — Querozene e Gazolina Oleo Oilek para maquina de Costura a 3,00. Endereço Telegr. VILGENIO

Av. Cel. Augusto Maynard, 42

PROPRIÁ — SERGIPE

ELIXIR DE NOGUEIRA

O remédio que tem depurado o sangue de três gerações! Empregado com êxito nas:

- Feridas
- Eczemas
- Úlceras
- Manchas
- Dartros
- Espinhas
- Reumatismo
- Escrófulas
- sifilíticas

SEMPRE O MESMO!... SEMPRE O MELHOR!...

ELIXIR DE NOGUEIRA

Medicação auxiliar no tratamento da sífilis.

Paróquia de Santo Antônio

Propriá Sergipe
Demonstrativo da Receita e Despesa

DATAS	HISTORICO	DEVE	HAVER
Outubro 1º	Saldo n/ data		8.946,50
6	Pago folha operarios n° 58	899,90	
11	Idem idem n° 59	924,40	
	Idem á Prudencia Capitalisação mensalidade de Outubro	100,00	
	Idem a José Nonato Matos custo madeiras conforme nota n° 79	183,60	
	Idem ao mesmo custo material conforme nota	234,50	
20	Recebido do Revm° Padre Agualdo F. Guimarães s/ quarta prestação plano trienal		250,00
	Pago folha operarios n° 60	918,50	
27	Idem idem idem n° 61	729,00	
	Rec° de José Gonçalves de Oliveira s/ 15a prestação p/ trienal		1.000,00
	Idem idem do mesmo referente 16a prestação		1.000,00
31	Idem de Otaviano Rodrigues de Carvalho s/ 15a prestação p/ trienal		100,00
	Idem de Agnelo Vasconcelos Torres valor 13a prestação plano trienal		850,00
	Idem do mesmo valor 14a prestação idem idem		850,00
	Balanco	9.006,60	
		12.996,50	12.996,50
Novembro 1º	Saldo n/ data		9.006,60

Propriá, 1º de Novembro de 1950

Visto

Pe. JOSE CURVELO SOARES
Vigario

JONATAS GUIMARÃES
Tesoureiro

NOTA — Todos os documentos comprobatórios, acham-se arquivados na Tesouraria, podendo os interessados, procurarem o Revmo. Snr. Cônego José Curvelo Soares, o qual terá a máxima satisfação em prestar todos os esclarecimentos solicitados.

Defendendo o meu nome ultrajado pelas
inverdades contidas na "Carta Aberta"
que o chefe da U.D.N., em Propriá,
me dirigiu.

(Continuação da 2a. Página)

comício da coligação, desatendendo ao apêlo publicado na «A Defesa» manifesto minha reprovação. Tentando ainda conseguir paz pois só ha luta quando os dois querem, peço a V. S. não tomar conhecimento dos referidos ataques. Todavia, caso não atenda a este meu pedido, não lhe cabe a culpa da transformação do ambiente de serenidade e elevação na campanha eleitoral. Cordiais Saudações. (a Pe JOSE SOARES — Vigário).

Quiz com este pronunciamento reprovar o referido discurso, dando uma prova de minha independência e superioridade.

Longe de mim supor que o convite que me fizeram para ouvir o discurso fosse um laço para prender a minha liberdade; não podia suportar tal armadilha porque fui convidado por um colega a quem muito presio e confio.

Quando o Sr. José Onias recebeu o meu telegrama mandou o Dr. Jessé Trindade saber se podia dar publicidade. Eram doze horas, respondi-lhe que o meu telegrama não era secreto, pois se assim fosse não teria sentido. Perguntei-lhe se me podia informar qual o propósito do Sr. José Onias, quanto a marcha da campanha. Fiz esta pergunta porque logo que o orador terminou o referido discurso o Sr. José Onias, acompanhado do Dr. Sylvio Santana, aproximou-se do carro onde eu estava e entre outras cousas disse-me — «O Senhor vai ver d'agora em diante, como se faz ataque pessoal» — O Dr. Jessé afirmou que ele estava disposto a continuar a campanha com serenidade e elevação. Muito bem, disse eu, com maior força de razão deve o povo ter conhecimento do meu telegrama.

A's quatro horas da tarde o Dr. Jessé em um carro de alto-falantes começou a percorrer toda a cidade lendo o meu telegrama fazendo comentários que seriam, se verdadeiros, uma verdadeira manifestação partidária do Vigário. Só tomei conhecimento do que eu ouvi: «O Vigário protestou» «O Vigário está contra a Coligação» «O povo repudiou» «O Vigário está com José Onias de Carvalho» — Isto eu ouvi, o que não ouvi não dei crédito. Fiquei desanimado diante da insinceridade dos políticos de todos os partidos, faço justiça. É bem facil imaginar o que significa tal propaganda. Devo logo dizer, que o orador que fez os ataques, diante da atmosfera carregada que o envolveu, procurou se desculpar dizendo que o discurso tinha sido visto por mim. E disse eu comigo mesmo: Como é difficil viver e agir retamente no meio dos políticos. Se eu não passasse este telegrama, seria acusado de partidário, o meu apêlo seria tomado como uma arma para defender somente uma parte. E como manifestei a minha reprovação, o meu telegrama é transformado em arma de propaganda eleitoral.

No dia seguinte às 7,30, procurei me encontrar com o Dr. Sylvio Santana, digno candidato a Prefeito, e lhe pedi para dizer ao Sr. José Onias que suspendesse aquela exploração do meu telegrama. A's onze horas fiz o mesmo pedido ao distinto moço Sr. Wolney Melo. A's 15,30 partiu uma marquete que levou uma caravana para o comício do Brigadeiro em Aracaju. No dia seguinte chegaram às minhas mãos diversos folhetos com o meu telegrama, que foram distribuidos daqui até Aracaju. Diante de tamanha insistência em explorar o meu telegrama e me arrastar para a política partidária (aliás não foi esta a primeira tentativa) dirigi ao Deputado Pedro Chaves, o seguinte telegrama:

«Deputado Pedro Chaves-Propriá, 49-155-20. Em desempenho missão desta difficil paróquia vg principalmente tempo eleições vg querendo demonstrar mais uma vez minha incontestavel imparcialidade comunico V. S. foi esta minha intenção telegrama dirigido Senhor Prefeito pt Coerente meu apêlo publicado «A Defesa» manifestei reprovação único discurso comício em que houve alguns ataques pessoais pt. Vendo meu telegrama transformado arma eleitoral não só aqui como outras cidades vg firme meu posto equilibrio imparcialidade devo fazer justa defesa quando minha atitude independência e palavra de representante Igreja prestavam-se interpretações e propaganda perigosas sua candidatura Prefeito vg e comprometedoras para mim pt. Com este pronunciamento reafirmo eleitorado e povo Propriá meu juizo sobre sua pessoa de cidadão digno e fiel católico vg retornando assim meu lugar no centro meus paroquianos pt Cordiais Saudações (a) Pe. JOSE SOARES — Vigário».

A Coligação divulgou o meu telegrama ao seu candidato por meio de um boletim que trazia a seguinte nota: — «Para defender possíveis interpretações errôneas, publicamos o telegrama que o Deputado Pedro Chaves recebeu do Reverendissimo Vigário desta Paróquia».

Procure-se agora a verdade nas duas narrações dos fatos e tire-se uma conclusão...

Segue-se a carta aberta:

«E para confirmar tudo isto, o Sr. Vigário consentiu que fossem impressos boletins avulsos contendo o discurso contra o qual havia protestado, nas oficinas do seu próprio jornal católico «A Defesa».

Eis a verdade para confundir o erro:

«DECLARAÇÃO»

Declaramos que é impossível a tipografia do jornal «A Defesa» compor e imprimir o avulso que divulgou o discurso pronunciado no comício da Coligação no dia 17 de Setembro, por um candidato a vereador municipal pelo P. S. D. em Propriá. Fazemos esta declaração, atendendo ao pedido do Pe. José Soares, depois de fazermos uma verificação nas caixas de tipo da tipografia «A Defesa».

Propriá, 17 de Setembro de 1950.

(aa) LAURO TAVARES SEIXAS
OCTAVIO MENEZES

A DEFESA

Órgão da Paróquia de Santo Antônio de Propriá
DIOCESE DE ARACAJU'

Propriá — Domingo 26 de Novembro de 1950

NELSON DA SILVA TAVARES
AGRIPINO GOMES DA GRAÇA

(Firmas reconhecida pelo Tabelião)
ALFREDO SEIXAS

Se uma acusação falsa é apresentada para confirmar outras acusações, pode-se, com lógica e senso juridico, concluir que ela se transformará em irrefutavel confirmação da má fé do acusador e falsidade das acusações.

Será um ótimo elemento de defesa para mim, tornar público o caso de um outro boletim que a U. D. N. aproveitou para levantar uma grande campanha contra mim e contra o jornal da Paróquia, explorando a confiança dos seus adeptos simples e leais.

Não há necessidade de provar que esse avulso não foi feito por mim, nem impresso na «A Defesa» porque, já agora, o Sr. José Onias, em artigo de fundo assinado com seu conhecido pseudônimo, no «Correio de Propriá» último, faz a minha defesa, embora já tarde, dizendo quem foi que «mandou imprimir boletins em nome da «A Defesa»». Embora afirmações outras tenham sido espalhadas entre os udenistas da cidade, com o lastimavel intuito de levantá-los contra o Vigário, o aparecimento de outro autor do boletim servirá para que alguns que devolveram o jornal da paróquia por tão falso motivo, conheçam a verdade, e outros não atendam mais à campanha da devolução da «A Defesa». Em uma prática que li na Matriz, antes das eleições, e publiquei na «A Defesa» e no órgão udenista local, apresentando igualmente os dois candidatos para prefeito, preveni e adverti o povo de possíveis explorações políticas em torno do meu nome. Disse eu o seguinte: «Caso alguns políticos se vos apresentem pedindo apêlo eleitoral, afirmando que eu estou com eles ou cousa semelhante, dizei-lhes que é exploração, que não é verdade». Assim falei prevenindo o que realmente sucedeu. Nas vésperas das eleições, políticos ardilosos, burlando as leis do País e explorando o meu nome, espalharam um avulso onde estava transcrita a nota em que a «A Defesa» (assim como já fizera com o candidato da U. D. N.) apresentava o candidato da Coligação, faltando a última frase, cuidadosamente por mim colocada para desfazer qualquer suposição de preferência.

A U. D. N., talvez pela premência de tempo ou irreflexão precipitada de alguns elementos, envêz de desfazer a exploração do meu nome com o uso digno e louvavel das minhas palavras, envêz de me procurar em Penedo, onde estava há sete dias, para dar um desmentido qualquer, usou uma arma lastimabilíssima. Começou a destruir na cidade um avulso explorando criminosamente o comunismo e que terminava com a frase: «abaixo a Igreja e os seus Padres».

Tendo conhecimento, a policia chegou a tempo de apreender o avulso, responsabilizando a tipografia em que eles foram impressos, o «Correio de Propriá», órgão udenista local. Eis o referido avulso:

«Atenção Meus Camaradas de Propriá!

O nosso querido chefe Luiz Carlos Prestes, num gesto todo especial, depois de consultar o diretório secreto do nosso partido, «PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO», achou por bem dar franco e decidido apêlo aos candidatos dos partidos coligados P. S. D. e P. R., que apresentam para prefeito o coronel Pedro de Medeiros Chaves e Arnaldo Garcéz, e para melhor orientação, os nossos camaradas poderão se entender com o bravo e decidido camarada Nezinho Rodrigues, conhecido por Nezinho do saxofone.

Cerrai fileiras camaradas de Propriá e votai todos no Coronel Pedro Chaves, e a nossa vitória, que é a vitória do Partido Comunista Brasileiro estará assegurada nesta cidade.

Abaixo a Igreja e os seus Padres! Viva Luiz Carlos Prestes!

Vejamos agora como o Sr. José Onias terminou sua carta aberta:

«Quero acrescentar que não sei quem foi o autor da nota publicada na «A Tarde», de Salvador, que nunca fiz qualquer publicação contra sua pessoa e, lanço daqui um repto ao Sr. Vigário ou a quem quiser ocupar o seu lugar, para provar onde e quando já fiz qualquer ataque pela imprensa contra sua pessoa, e atribui à sua atuação a derrota do meu candidato a Prefeito.

Se o Sr. Vigário conseguir provar isso, voltarei pela imprensa a pedir perdão e me considerarei um homem desonrado.»

É justamente o que eu quero, que fique provado que não houve da minha parte nenhuma atuação na derrota do illustre candidato da U. D. N.

Nada quero provar para levar o Sr. José Onias a se considerar «um homem desonrado». O que eu quero é que fique provado que as acusações do Sr. José Onias, levaram muita gente a me considerar, injusta e injuriosamente, um homem desonrado. Não me interessa saber quais os que me difamaram na «A Tarde», de Salvador, nas colunas do «Correio de Propriá» ou na manchete do «Correio de Aracaju». O que me interessa é destruir as acusações que me apresentaram como político e partidário. Não sou dos que acham que o silêncio seria a melhor resposta no caso. Uma cousa é um Vigário ser acusado pelos políticos e permacer calado, porque realmente fez a sua politica, outra cousa é um Vigário fazer tudo para não influir na politica, fazer tudo para que o seu povo siga o rumo que quizer, e depois ser acusado, e mais que acusado injuriado.

É o meu caso, fiz tudo que é possível para não deixar transparecer qualquer preferência, só não fiz deixar que a U. D. N. explorasse o meu telegrama com que reprovei o único discurso em que houve alguns ataques pessoais fortes, transformando-o em eficiente arma contra o seu adversário. Sei que se consentisse, a U. D. N. me apresentaria como o maior sacer-

Sociais

ANIVERSÁRIOS

A 20 do corrente mês, a Srta. Lucia Gonçalves de Oliveira, residente em Penedo.

— Sr. Francisco Pereira do Nascimento.

21 — Dr. Elder Nunes Gonçalves de Oliveira residente em Recife.

22 — Sr. Mario Graça Leite. — Maria Costa, filha de João Evangelista Costa e D. Maria Francisca Costa.

23 — Srta. Maria da Conceição Costa.

24 — O garoto Ubaldo, filho do Sr. José Moreno e D. Celita Rodrigues.

25 — Sr. Cosme da Conceição Vilar.

— D. Senaura Avila Seixas esposa do Sr. Lauro Seixas.

26 — Srta. Ivanilde Pereira Nascimento.

— Srta. Eulina Tavares.

— A estudante Zelia filha do Sr. Antonio Fernandes de Brito e D. Elisabeth Guimarães Brito.

27 — Sr. Adão Feitosa de Souza.

— José Luiz, filho de Manuel Germano Bomfim e D. Eloisa Lima Bomfim.

28 — Srta. Iolanda Lima.

Aos nataliantes, apresentamos sinceros parabens.

dote de Sergipe e não como «a negação do verdadeiro sacerdote de Cristo». O meu telegrama não poderia ser transformado em uma arma política, pois, ele foi a mãe e mais destemida prova de imparcialidade e independência política.

Já vai longe a minha defesa e ela poderia se alongar muito ainda.

Devo dizer que não estou satisfeito com o meu nome assim em jôgo nas notas, manchetes e cartas abertas.

Devo dizer também que me decidi a rebater a carta aberta do Sr. José Onias, porque ela, apesar de cheia de inverdades, não foi imbecil, e pode ter sido o resultado da paixão política e de falsas interpretações de desespero de causa.

Aqui está, pois, a minha defesa; continuarei firme e tranquilo no meu trabalho. Apenas tive uma tentação nas horas de desânimo e sofrimento, quando sozinho, sem nenhum apêlo fui acusado e combatido; pensei que talvez sofresse menos se tivesse agido partidariamente, para depois explicar o meu partidarismo como legítima defesa. Foi uma tentação, não penso assim e, com a graça de Deus, não pensarei. Só me resta agora uma palavra final que será a decisão da luta.

A U. D. N. ou o Sr. José Onias e demais acusadores, só têm dois caminhos a seguir: Levarem ao meu superior as provas das acusações que têm sido feitas, para que ele tome conhecimento e aplique a devida pena, que seria o meu afastamento da paróquia; ou deixarem que eu continue em paz, unido ao meu rebanho para realizar os trabalhos que estão iniciados com a ajuda de Deus e colaboração do povo bom e generoso de Propriá.

De uma cousa fiquem bem certos: — não passarão impunes as ofensas, ultrages, injúrias e calúnias feitas, hoje ou ontem, aos sacerdotes de Deus, ministros de Cristo.

Propriá, 19 de Novembro de 1950.

Pe. JOSE CURVELO SOARES
Vigário